

*ALGÚN AMOR QUE
NO MATE, DE DULCE
CHACÓN: PRIMEIRAS
QUESTÕES DE
TRADUÇÃO*

**MAYRA MARTINS
GUANAES**

Mestranda em Letras, área de estudos literários, pesquisa com foco nos estudos de tradução, estudos de gênero e literatura hispânica (UNIFESP). Bacharel em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e licenciada pela mesma instituição. É membro do corpo editorial da revista acadêmica *De Letra em Letra*, vinculada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Possui experiência na área de letras, atuando como professora, redatora e editora, na área de arte-educação, atuando como mediadora em exposições de arte e ministrante de oficinas, e na área de produção cultural atuando como produtora de eventos.

A condição social das mulheres é um tema comum na obra da autora espanhola Dulce Chacón (Zafra, Badajoz, 1954 - Madrid, 2003), que era bastante comprometida com as questões de gênero, inclusive fora do campo literário, tendo participado da Associação de Mulheres contra a violência de gênero, da Associação de Mulheres contra a Guerra e da Plataforma de Cultura Contra a Guerra durante a Invasão do Iraque.

Algún Amor Que No Mate foi seu primeiro romance. Publicado em Barcelona, em 1996, pela editora Plaza & Janes, teve uma boa recepção pela crítica, foi adaptado para o teatro em 2002 pela própria autora e em 2007, após o falecimento de Dulce Chacón, a editora Alfaguara realizou uma segunda edição da obra em uma compilação intitulada *Trilogía de la Huida*, com outros dois romances seguintes: *Blanca vuela mañana*, (1997) e *Háblame, musa de aquel varón*, (1998).

Ainda que seja uma escritora pouco conhecida no Brasil, sua obra contribui para a discussão a respeito da desigualdade de gênero porque apresenta personagens femininas que buscam a libertação das imposições sociais.

Dulce Chacón é uma autora reconhecida na Espanha por sua produção literária considerável (cinco romances, cinco volumes de poesia, um de contos e duas obras teatrais)¹; entretanto, suas obras parecem pouco estudadas e ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa. Dentre a produção científica dos últimos cinco anos, encontramos uma tese e uma dissertação acerca do romance *La voz dormida*², publicado por Dulce Chacón em 2002 e vencedor do prêmio *Libro del Año 2003*, concedido pelo Grêmio dos livreiros de Madri; sobre *Algún amor que no mate*, até agora encontramos apenas uma dissertação de 2010, “La reescritura de la subjetividad femenina en las obras de Dulce Chacón, Lucía Etxebarria y Najat El Hachmi”, produzida na Universidade da Flórida por Veronica Tienza-Sanchez, e o artigo de 2006 “La narrativa de

1 Romances: *Algún amor que no mate* (1996); *Blanca vuela mañana* (1997); *Háblame, musa de aquel varón* (1998); *Cielos de barro* (2000); *La voz dormida* (2002). Poesia: *Querrán ponerle nombre* (1992); *Las palabras de la piedra* (1993); *Contra el desprestigio de la altura* (1995); *Matar el ángel* (1999); *Cuatro gotas* (2003). Teatro: *Segunda mano* (1998); *Algún amor que no mate* (2007).

2 Este é o romance mais recente da autora e tem como pano de fundo a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a ditadura franquista (1939-1975). Ele trata da situação das mulheres no período de pós-guerra. Em 2016, Isabel Jaén Portillo escreveu a tese “Aspectos cognitivos en torno a la novela y el cine de la memoria histórica *La voz dormida*” na Espanha e no Brasil, em 2017, Patrícia Dal’moro Mendes escreveu a dissertação “O feminino na luta antifranquista e a memória nos romances *La voz dormida* e *Las trece rosas*”. Este romance se tornou mais conhecido devido à adaptação cinematográfica com título homônimo, produzida em 2011 pelo diretor de cinema espanhol Benito Zambrano.

Dulce Chacón: Memoria de las perdedoras” de Carmen Sérven, que cita o romance. Os dois trabalhos abordam a subjetividade feminina e a representação da memória de pós-guerra, mas não estudam a representação da violência de gênero, que nos interessa.

Mesmo que *Algún amor que no mate* não tenha recebido tanta atenção quanto *La voz dormida*, acreditamos na potência literária com que Dulce Chacón aborda a violência de gênero, questão social bastante presente tanto na Espanha quanto no Brasil, visto que na Espanha os homicídios que têm como classificação “violência de gênero” ultrapassam o número de 60 mulheres mortas por ano. Já no Brasil, o índice de feminicídio é o quinto maior do mundo, com uma taxa de 5.000 mortes de mulheres por ano, segundo o Mapa da Violência 2015 sobre Homicídios de Mulheres.

O objetivo deste trabalho é registrar o que foi apresentado na VII Jornada do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da USP acerca das primeiras questões implicadas na tradução do romance *Algún amor que no mate*, que compõe o projeto de mestrado “Tradução e estudo do romance *Algún amor que no mate* de Dulce Chacón”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, sob a orientação das Prof^{as} Dras. Paloma Vidal e Ana Cláudia Romano Ribeiro.

O projeto em sua totalidade visa à análise dos aspectos textuais, estruturais e políticos do romance, bem como a sua tradução, tendo em vista os aspectos linguísticos e aproximações entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Também serão produzidas notas explicativas sobre a tradução e comentários críticos sobre a obra e a temática da violência de gênero.

Traduzir o romance *Algún amor que no mate* é a possibilidade de apresentar em língua portuguesa uma obra de temática atual que foi escrita sob uma perspectiva sensível e crítica, que acreditamos poder fomentar o debate sobre a violência de gênero. Além disso, com a tradução seguimos com o nosso intuito de fortalecer a divulgação da literatura produzida por mulheres, além de divulgar no Brasil a produção da escritora Dulce Chacón.

O romance *Algún amor que no mate* está dividido em 74 partes ou blocos e, para organizar a nossa tradução, adotamos esta divisão também. Este trabalho, então, se debruça sobre duas partes do texto, que estamos chamando de bloco 1, ou seja, o início do romance, e o bloco 36, que compõe a parte do meio da narrativa em que ocorre a introdução de personagens novas, neste caso, a amante do marido da narradora/personagem Prudência.

O romance é narrado em primeira pessoa por uma mulher que é maltratada pelo marido durante o casamento. Esta narradora em muitos momentos cita episódios da vida de uma personagem chamada Prudência. Diante das fusões temporais da narrativa e das coincidências entre os episódios que são narrados sobre as duas, é possível constatar que a narradora e Prudência são a mesma pessoa.

Feitas estas considerações, passamos então para as primeiras questões de tradução surgidas ao traduzir os dois primeiros blocos.

O romance inicia-se com os seguintes parágrafos:

Hace muchos años que no hago el amor. No es una queja. Vivo muy bien así. Sin **la obligada costumbre**. Mi marido y yo nos echábamos juntos la siesta. **Él era muy cumplidor, y cumplía**. [...] Y digo que no hicimos el amor nunca más, no porque no tuviéramos tiempo, sino porque se nos fueron pasando las ganas de **coincidir**. De recién casados hacíamos el amor también por las noches. Con el paso del tiempo me empezaron a dar dolores de cabeza a la hora de cenar. (CHACÓN, 2007, p. 18, grifo nosso).

No atual momento de desenvolvimento do projeto “Tradução e estudo do romance *Algún amor que no mate* de Dulce Chacón”, parte das questões de tradução envolvidas nestes dois blocos já foram resolvidas, entretanto, nos interessa aqui a discussão das diferenças entre a língua espanhola e portuguesa presentes nestes blocos do texto.

Neste primeiro trecho temos questões semânticas, haja vista a nossa preocupação com possíveis perdas que poderiam ocorrer em relação à construção do texto e seu sentido. Na primeira linha do romance, por exemplo, a autora coloca “sin la obligada costumbre” (CHACÓN, 2007, p. 18) que poderíamos traduzir sem perdas de sentido por “sem o costume forçado”, “sem a obrigação do costume” ou “sem o costume da obrigação”. No entanto, outra possibilidade seria “sem a obrigação costumeira” que nos parece mais natural na língua portuguesa.

Neste mesmo parágrafo temos o substantivo/adjetivo “cumplidor” formando um par com o verbo no pretérito “cumplía”. A tradução exata deste par para a língua portuguesa é possível, bem como o caso anterior, mas sentimos a perda de sentido neste caso para o português, já que em nossa língua de chegada é pouco usual o termo “cumpridor” para este sentido que a autora coloca no texto, de um marido que “cumpre” com o dever de ter relações sexuais com sua esposa. Pensamos em duas possibilidades: traduzir por um termo mais usual (como “comparecer”, por exemplo) ou manter o par, mesmo causando um estranhamento na língua de chegada. Optamos por manter o par, preservando a construção paralela proposta pela autora.

No segundo caso, temos uma tradução exata para o verbo “coincidir”, mas como na frase seguinte temos este verbo no contexto das relações sexuais, acreditamos que na língua portuguesa o sinônimo “corresponder” é mais usual e não acarreta uma perda de sentido.

Ainda no primeiro bloco, temos o seguinte trecho:

Entonces yo me despertaba y le decía que **tenía la regla**, le acariciaba el pelo y él se dormía tranquilo. Poco a poco se fue acostumbrando a que la noche es para dormir. (CHACÓN, 2007, p. 18, grifo nosso).

Para dizer que estava menstruada, a narradora diz “tenía la regla”. A opção por este termo indireto nos permite pensar no contexto desta narrativa. A narradora provavelmente cresceu durante a ditadura franquista, período em que as mulheres tinham pouca liberdade em relação à própria vida e ao próprio corpo. Segundo o *Diccionario de la Real Academia Española*, “regla” significa “menstruação” (p. 1188), sendo assim, seria possível traduzir este termo por “estava menstruando” ou “tinha menstruado”, mas perderíamos o sentido que a autora traz ao escolher este termo. Uma tradução mais exata seria “tinha a regra”, mas “regra” é um termo que, em 2019, pouco utilizamos para designar a menstruação, assim, perderíamos o sentido necessário para o público de língua portuguesa. Para este trecho encontramos a solução “estava naqueles dias”, que é um termo que parece conciliar a mesma ideia para leitoras e leitores de língua portuguesa e de gerações diferentes.

No bloco 18 também há questões semânticas em relação à escolha da tradução literal ou de uma expressão sinônima:

Cuando llegó por la noche ella le estaba esperando con la tarta en la mano y las velas encendidas, esto sí que lo hizo por cumplir, para que su marido no pudiera **reprocharle** nunca que se hubiera olvidado de su cumpleaños. () (CHACÓN, 2007, p. 53, grifo nosso).

Seriam possíveis algumas alternativas para a tradução do verbo “reprocharle”, que segundo o *Diccionario de la Real Academia Española* significa “censurar” (p. 1205). Na tradução exata do espanhol para o português temos “reprochar”, mas entendemos que este termo em português é pouco utilizado e remete a um contexto mais formal da língua, como pode ser observado no Corpus do Português desenvolvido por Mark Davies, que utilizamos para observar a variação dialetal da língua portuguesa. Poderíamos optar pelo sinônimo “censurar”; no entanto, após a discussão deste trabalho na VII Jornada do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da USP, adotamos o verbo “reclamar” que concilia grande parte de nossas expectativas léxico-semânticas em relação a este trecho.

As semelhanças e diferenças entre o português e o espanhol são elementos que estamos considerando ao traduzir, realizando adaptações na tentativa de não perder o sentido do texto, mas também de não apagar o fato de que esta é uma obra produzida em língua espanhola. Por-

tanto, na dúvida entre os termos mais adequados para o nosso trabalho, estamos optando por aqueles que não prejudicam as construções e sentidos do texto de partida.

Para isso, temos em vista algumas perspectivas teóricas a respeito de tradução, como por exemplo, a de Walter Benjamin. Para ele, com uma tradução, “a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais vasto desdobramento”, além de “expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si” (BENJAMIN, 2011, p. 209). Pelo caráter da renovação que uma tradução pode trazer, como exposto por Benjamin, é que muito se discute sobre as diferenças entre o original e tradução. Para Britto, “traduzir e escrever são de fato duas atividades qualitativamente diferentes” (BRITTO, 1999, p. 241). Britto discute em *Tradução e criação* a natureza da diferença entre ambas e chama a atenção para o fato de haver traduções que se aproximam mais do texto original e outras que se afastam.

Também consideramos a perspectiva de Antoine Berman que, em diálogo com Benjamin, apresenta algumas tendências deformadoras do processo de tradução. Sua abordagem interessa ao nosso trabalho, pois faz uma análise das traduções de prosa literária, forma do romance que pretendemos traduzir.

As tendências deformadoras fazem parte do processo de escolhas envolvidas em uma tradução como, por exemplo, neste trecho:

Quando Prudencia apagó las velas y dejó la tarta encima de la mesa, había un perro mordisqueando su muleta. Es un regalo de cumpleaños de mi madre. Con eso ya no había nada que decir, porque todo lo relativo a su madre era incuestionable. Había que aceptar al perro, sin protestas, por más que el marido **se hubiera** negado siempre a tener un animal en casa, aunque Prudencia **le rogó** en muchas ocasiones que **le dejara** tener un gato. (CHACÓN, 2007, p. 53, grifo nosso).

Dulce Chacón neste trecho faz uso de dois tempos verbais diferentes. Na língua espanhola, “Hubiera” e “dejara” são verbos conjugados no pretérito imperfeito do subjuntivo, tempo que expressa possibilidades, incertezas ou desejos improváveis no passado; “rogó”, por sua vez, está no pretérito perfeito do modo indicativo construindo uma oração concessiva. Ainda que a língua espanhola tenha semelhanças com a língua portuguesa, para garantir a concordância verbal da língua portuguesa é necessário mudar o tempo verbal na tradução:

Quando Prudência apagou as velas e deixou o bolo em cima da mesa, havia um cachorro mordendo sua muleta. É um presente de aniversário da minha mãe. Com isso já não havia nada que dizer porque tudo relativo a sua mãe era inquestioná-

vel. Havia que aceitar o cachorro, sem protestos, por mais que o marido **tivesse** se negado sempre a ter um animal em casa ainda que Prudência **tenha pedido** em muitas ocasiões que a **deixasse** ter um gato.

Neste trecho, a nossa opção foi, ao invés de utilizar a tradução de “rogó” no pretérito perfeito do indicativo (que também há na língua portuguesa, mas não em construções concessivas), adotar o pretérito perfeito do subjuntivo de língua portuguesa “tenha pedido”, que expressa uma ação (pedir) já realizada no passado. Assim conseguimos manter o sentido do texto, apenas “deformando” o modo verbal. Pelos exemplos apontados, podemos observar que até então, a maior parte de deformações e adaptações causadas são de âmbito gramatical e semântico.

As deformações e adaptações presentes em uma tradução também são questões abordadas pelos Estudos de Tradução quando articulados com os Estudos de Gênero. Essa articulação, aliás, nos possibilita a reflexão a respeito do papel de quem traduz. Simon, em *Gender in translation*, levanta a seguinte questão: “Até que ponto o papel do tradutor se mistura com valores sociais e como as posições da hierarquia social são refletidas no campo literário?” (SIMON, 1996. p. 3, tradução nossa).

Quando a tradução se articula aos Estudos de Gênero, que refletem sobre os valores sociais e as posições de hierarquia social, torna-se necessária a observação de alguns aspectos da nossa língua que amenizam as hierarquias de gênero. É comum observar perdas importantes na tradução de elementos significativos do texto em relação às questões de gênero.

Simon (1996) comenta em seu livro sobre Feminismo e Tradução, como exemplo, a tradução *The Second Sex* feita por Howard Parshley em 1952, do livro *Le deuxième sexe* (1949) de Simone Beauvoir. Uma crítica feita por Margaret Simons em 1983 em relação a esta tradução aponta vários cortes do texto original, entre eles, notas, nomes de mulheres mencionadas por Beauvoir, referências ao contexto entediante da vida cotidiana doméstica das mulheres, às relações lésbicas, ao feminismo socialista, etc. Simon (1996) nos mostra que a tradução distorce a argumentação de Beauvoir, a ponto de deixá-la incoerente, de modo que essas escolhas de tradução sejam questionáveis.

Embora nossa tradução ainda não tenha chegado a partes do texto que implicam questões de gênero, estamos atentas a elas, bem como aos valores sociais de quem traduz, uma vez que o romance *Algún amor que no mate* aborda a violência de gênero e esta temática deve ser apresentada com a devida clareza ao público leitor.

Nossa tradução visa a uma fruição da estilística do texto, visto que é através do fazer poético implicado em artes como a literatura que talvez seja possível sensibilizar o leitor tanto

para a estética da escrita literária quanto para questões difíceis do nosso cotidiano, como a da violência conjugal.

Traduzir uma obra de Dulce Chacón é aproximar o público leitor de língua portuguesa a uma obra de língua espanhola que muito dialoga com a nossa realidade social. Como coloca Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento em *Tecendo leitores, construindo leituras: o texto literário em língua espanhola*: “Se a literatura é fonte de encontros, por que não favorecê-los?” (NASCIMENTO, 2004, p.195).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. A posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. v. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: HEIDERMANN, Werner. *Clássicos da teoria da tradução*. Tradução Susana KampffLages. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2011.
- BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2.ed. Florianópolis: Copiart: PGET/UFSC, 2012.
- BLUME, Rosvitha Friesen. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. *Fragments*. Florianópolis, n. 39, 2010.
- BRASIL. Decreto nº 11340/06, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Distrito Federal, Brasil, ago 2006. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- BRITTO, Paulo Henriques. Tradução e criação. *Cadernos de tradução*. Santa Catarina, v.1, n.4. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5534/4992>.
- CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Trad. de Beatriz Regina Guimarães Barboza. *TradTerm*. São Paulo: v. 29, julho, 2017.
- CHACÓN, Dulce. *Algún amor que no mate*. 3.ed. Barcelona: Plaza & Janes, 1996
- _____. *Trilogía de la huída*. Madrid: Alfaguara, 2007.
- DAVIES, Mark. *Corpus do Potuguês*. Disponível em: <http://corpusdoportugues.org>.
- DOLZ, Patricia Ortega. Por que homens matam mulheres? *El País*, Madrid, jul. 2017. Seção Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/08/internacional/1499533272_517542.html.

ESPAÑA. Decreto nº 313, de 28 de dic. 2005. Ley Orgánica 1/2004 de 28 de diciembre, de Medidas de Protección Integral contra la Violencia de Género. Madrid, España, dez 2005. Disponível em: <http://www.boe.es/buscar/act.php?id=BOE-A-2004-21760>.

FANJUL, Adrián. (Org) et al. Gramática y práctica de español para brasileños. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2011.

FLOTOW, Luise von. Feminist Translation and Gender. Translating in the “Era of Feminism”. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

MENDES, Patrícia Dal’more. O feminino na luta antifranquista e a memória nos romances *La voz dormida* e *Las trece rosas*. 2017. Dissertação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

PORTILLO, Isabel Jaén. Aspectos cognitivos en torno a la novela y el cine de la memoria histórica “*La voz dormida*” de Dulce Chacón y su adaptación fílmica. 2016. Tese. (Doutorado). Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario del estudiante. Madrid: Santillana, 2005.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto e Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUBIO, Andrés Fernández. Dulce Chacón publica una novela contra las parejas convencionales. *El País*, Madrid, feb. 1996. Seção Cultura. Fonte: https://elpais.com/diario/1996/02/16/cultura/824425204_850215.html. Acesso em:

SALLES, Penélope Eiko Aragaki. A desumanização em o remorso de Baltazar serapião: uma análise da violência dos homens contra as mulheres. 2018. Dissertação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SÉRVEN, Carmen. La narrativa de Dulce Chacón: Memoria de las perdedoras. *Revista Arbor Ciencia, Pensamiento y Cultura*. Volumen CLXXXII, nº 721, septiembre-octubre 2006.

SIMON, Sherry. *Gender in translation*. London: Routledge, 1996.

TIENZA-SANCHEZ, Veronica. *La reescritura de la subjetividad femenina en las obras de Dulce Chacon*, Lucia Etxebarria y Najat El Hachmi. Florida: University of Florida. 2010.